

**LEITURA, GRAMÁTICA E TECNOLOGIA,
UMA IMBRICAÇÃO A FAVOR DO CONHECIMENTO**

Dagmar Vieira Nogueira Silva (UEMS)

dagmarvns@hotmail.com

Adriana Lucia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

A tecnologia já faz parte da vida da maioria das pessoas, está presente em diversas formas e em quase todos os lugares do mundo. Ignorar ou não permitir o uso desse produto da ciência desenvolvido pelo homem é, de certa forma, se mostrar na contramão das descobertas e avanços consideráveis em muitas áreas do conhecimento. Valendo-se desse pensamento e refletindo sobre o dilema que muitas escolas vêm enfrentando em torno da permissão ou não ao uso de celulares em sala de aula, este artigo em forma de relato de experiência propõe algumas ideias exitosas que mesclam atividade de leitura, gramática e de produção textual com a tecnologia disponível em aparelhos celulares, fazendo deste dispositivo, um meio valioso na construção do conhecimento e uma ótima ferramenta para incrementar as aulas de distintas disciplinas curriculares.

Palavras-chave: Tecnologia. Recursos. Ferramentas. Leitura. Conhecimento.

1. Introdução

Vivemos em um mundo cada vez mais tecnológico. Desde a invenção do fogo a modernos aparelhos o homem vem desenvolvendo cada vez mais ferramentas capazes de realizar verdadeiros milagres em muitas áreas do conhecimento.

“A palavra tecnologia vem do grego “tekhne” que significa “técnica, arte, ofício” juntamente com o sufixo “logia” que significa “estudo””. (GUIMARÃES & CABRAL, 2016).¹⁵ Uma composição muito apropriada para a revolução que o computador, em suas mais diversificadas formas, causou desde sua criação.

¹⁵ Dilva Guimarães e Paulo Cabral. Responsáveis pela página *Significados*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/tecnologia-2>>

A velocidade que as informações chegam atualmente por meio das ferramentas tecnológicas vem revolucionando vários contextos sociais, e suscitando mudanças na maneira de lidar com essa realidade.

Diante dessa realidade, a escola não deve ignorar essas ferramentas que dão acesso, com muito mais rapidez, às informações geradoras dos conhecimentos. Isso representaria de certa forma, um retrocesso em relação à conduta dos respectivos educadores presente em cada seguimento escolar.

As novas gerações já nasceram imersas nesse universo tecnológico. Proibi-los de usar todo esse aparato a que estão tão acostumados é quase que “mutilar” uma notória habilidade dessa geração. O melhor a se fazer então é aliar o agradável ao útil, gerando assim um ganho em termos de aprendizado, tanto para alunos, quanto para professores. Afinal essa geração de alunos considerada “geração digital” pode contribuir prazerosamente com o manuseio dos modernos computadores e demais ferramentas tecnológicas.

No entanto, não se pretende defender aqui uma substituição do professor por uma “telinha”, ou mesmo, um uso desenfreado, sem nenhum controle, de equipamento como *tablets*, celulares, *notebooks*, entre outros a qualquer momento, em sala de aula. Mas sim provocar reflexões sobre práticas pedagógicas que conciliem o uso da tecnologia, agregando conhecimentos e se beneficiando desses instrumentos como recursos motivacionais para o aprendizado.

Dessa forma, a experiência descrita a seguir buscou evidenciar um possível uso dos aparelhos tecnológicos, como o celular, com atividade de leitura, gramática e produção textual, e turmas do ensino fundamental II, em uma escola municipal de Campo Grande (MS), semelhante a tantas outras em nosso país.

2. Celulares x professores

O uso de aparelhos celulares em sala de aula por parte principalmente, dos alunos já não é mais novidade. As discussões sobre a permissão ou não desse uso envolvem pontos positivos e negativos dessa prática.

Tais aparelhos, com inúmeros atrativos como câmeras, mapas, aplicativos de *WhatsApp*, além de, é claro, o acesso à internet, prendem a

atenção do aluno, principalmente quando o que o professor propõe ao discente é cansativo, sem momentos de *feedback* e com o simples objetivo de fazê-lo ficar quieto em seu lugar, ocupado com cópias e mais cópias.

Tamires Alês (2013) cita o artigo “Educação e tecnologia: o sarrafo subiu”, de Gustavo Ioschpe (2013), onde esse pesquisador afirma;

Acredito que as novas tecnologias, especialmente a internet, estão tendo sobre a educação o mesmo efeito que têm sobre uma série de outras áreas: desintermediação. Para ser relevante, o nível de entrega de serviços precisa ser muito mais alto, porque o básico a pessoa já consegue em uma busca on-line de dois minutos. (IOSCHPE, *apud* ALÊS, 2013)

Então, o desafio é não proibir, mas sim, utilizar esses aparelhos como ferramentas de apoio para o que se pretende trabalhar com os alunos, agregando conhecimentos e aprimorando a arte de ensinar do docente.

Gustavo Ioschpe (2013) acrescenta;

Uma ótima aula – cativante, com um professor que domina a sua matéria e a maneira de comunicá-la e busca ativamente a compreensão e a participação do aluno – funcionava há 100 anos e continua funcionando hoje. O sarrafo subiu. As boas aulas não precisarão mudar, mas os professores de baixa qualidade precisarão de uma reforma profunda em seu jeito de ensinar. Um mau professor não passará a dar uma boa aula simplesmente por contar com um tablet ou uma lousa mágica. [...] (IOSCHPE, *apud* ALÊS, 2013)

Isso significa que é necessário nessa valorosa profissão de professor investir em capacitação, pois, como bem afirma Gustavo Ioschpe (2013), a tecnologia não substitui um bom mestre, porém pode fazê-lo ainda melhor.

Entretanto, a falta de incentivo por parte dos governos dificulta ainda mais o exercício da pedagogia no que se refere aos recursos e aperfeiçoamento do professor.

Costuma-se ouvir de quem acompanha a história da Educação que a escola está no século XIX, os professores no século XX, e os alunos no XXI, isso porque a estrutura e a falta de recursos em escolas públicas são preocupantes, prejudicando consideravelmente seus respectivos professores, dificultando suas práticas, e, às vezes, inviabilizando a realização de aulas mais dinâmicas e coerentes com essa “geração digital”, que já faz de seus *smartphones* uma extensão de seus braços.

Mas, se por um lado não há maiores cuidados e incentivos gover-

namentais para com a escola pública, instituição tão importante para sociedade, por outro cresce consideravelmente nesse ambiente o número de alunos portando os mais diversos tipos de celulares, até mesmo os de última geração.

Dessa forma foi possível trabalhar com o que se tinha em mãos, driblando as dificuldades e promovendo um ensino mais dinâmico, utilizando as ferramentas tecnológicas em favor do aprendizado.

3. A tecnologia como elemento de estímulo a leitura e a gramática

A leitura é uma habilidade transformadora, que dá suporte e potencializa outras habilidades. Por meio dela o ser humano consegue aprimorar seus conhecimentos e ir além, gerindo questionamentos e elaborando respostas às inúmeras situações problemas presentes no meio social em que vive.

O ato de ler não se finda com decodificação de códigos e símbolos ou ainda na compreensão de signos linguísticos isoladamente, vai muito além, ultrapassa o significado de alfabetizar-se, ou seja, de adquirir a habilidade de ler e escrever. Ler é desenvolver-se nas práticas sociais, ampliando seu conhecimento de mundo e interagindo com o mesmo.

A leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permitam sua integração e conferência com outros tipos de aprendizados. Os mais imediatos, é claro, são os aprendizados linguísticos. Por um lado, o trabalho linguístico e literário conjunto, permite apreciar as possibilidades da linguagem naqueles textos sociais que o propõem deliberadamente, como é o caso da literatura. Por outro a inter-relação se produz de formas mais indiretas, já que o contato com a literatura leva as crianças a interiorizar os modelos dos discursos, as palavras ou formas sintáticas presentes nos textos que leem. (COLOMER, 2007, p. 157)

Ciente dessas e outras concepções sobre a leitura há de se prestar um grande serviço à sociedade, principalmente, como professor de língua portuguesa, desenvolver no educando o gosto pela leitura. E para tanto é preciso dispor de meios que favoreçam esse labor.

Em boa parte das escolas brasileiras, exercitar a leitura literária em sala de aula não é muito fácil. Dentre as adversidades encontradas, é comum não disporem de números suficientes de uma mesma obra, para a realização de uma leitura coletiva.

Exigir a compra de livros, por parte dos alunos das escolas públicas, não é uma prática muito exitosa, pois boa parte dos alunos não tem

condições ou ainda incentivos de seus respectivos responsáveis para efetuar tais investimentos.

As causas dessa falta de investimento vão desde aspectos culturais a, e principalmente, questões políticas, onde encontramos os mais variados representantes do poder exibindo nos palanques eloquentes discursos em defesa da educação como base para o desenvolvimento social do país, porém, quando podem de fato colocar em prática as palavras que o ajudaram conquistar o poder, esquecem ou ignoram, afinal é mais fácil comandar uma nação menos instruída. É a eterna procrastinação que alimenta as promessas de muitos representantes do poder em nosso país.

Contudo, para nós, que estamos à frente da batalha, cabe lançar mão de uma boa dose de criatividade, aliada aos conhecimentos necessários, e ao que está ao nosso alcance, e assim, procurar fazer o melhor, a fim de possibilitar ao educando uma evolução significativa em sua maneira de pensar e agir, contribuindo dessa forma na construção de indivíduos capazes de interagir e melhorar o meio social em que estão inseridos.

4. Sequências didáticas desenvolvidas

Os alunos foram à biblioteca da escola para a apreciação dos livros existentes nesse espaço, depois fizemos a leitura das sinopses de alguns exemplares selecionados, e dentre eles escolhemos aquele que mais interessou a turma.

Um grupo de *WhatsApp* para leitura fora criado, tendo como administradores professor e alunos. Neste grupo compartilharam-se alguns capítulos da obra escolhida, os quais eram enviados para o grupo via internet, ou passados por *Bluetooth*, ou ainda, fotografados em sala, sempre com uma aula de antecedência, para que todos pudessem se preparar para a aula e ninguém ficasse de fora da discussão das ideias presentes no capítulo compartilhado. Os poucos exemplares da biblioteca ficavam com aqueles que não dispunham celulares, e dessa forma, todos realizaram a leitura pretendida.

O livro compartilhado nesse caso foi *Vovó Tá com a Macaca*, do autor Ivan Jaf. Essa obra traz como principal tema a questão da “tolerância”, e com personagens que evidenciam a necessidade desse sentimento, abordando questões relacionadas às crenças religiosas, violência no trânsito, violência contra a mulher e à terceira idade.

Alguns capítulos eram lidos em sala, outros passados como tarefas ou representações teatrais, buscando dessa forma trabalhar as distintas práticas da língua portuguesa referenciados na Base Nacional Comum Curricular;

Se uma face do aprendizado da língua portuguesa decorre da efetiva atuação do/a estudante em práticas de linguagem de três tipos (oralidade, leitura e escrita), situadas em campos de atuação específicos, a outra face provem da reflexão sobre a própria experiência de realização dessas práticas. (BRASIL, 2016, p. 95)

Nesse sentido, o apoio dos recursos de gravação de vídeos dos celulares foi oportuno, pois com os registros das apresentações deu-se uma reflexão importante para o desenvolvimento do educando, quanto à própria atuação diante das câmeras e os cuidados com a exposição oral.

Ao se observarem nas gravações, puderam analisar as respectivas retóricas, reconhecendo as marcas linguísticas individuais características, além de outras situações envolvendo a postura diante do público, a capacidade de interagir com o mesmo, o tom de voz, entre outros aspectos relevantes, no que se concerne ao desenvolvimento das habilidades promotoras de um amadurecimento e de uma aprendizagem significativa para o educando em toda sua formação.

A partir dessas observações, cada aluno produziu um texto registrando como foi seu desempenho, os erros e acertos, as palavras escolhidas, que foram agregadas ao texto original, o que cada um, em uma auto-crítica considerou próprio ou impróprio em relação à própria atuação.

Em seguida, foram destacadas na lousa, sem constranger ninguém diretamente, as observações pautadas no conteúdo gramatical previsto para aquele bimestre, no caso, as conjunções coordenativas, sua importância e aplicação na oralidade.

Com recorte dos trechos produzidos na oralidade dos respectivos alunos, foi possível observar a gramática contextualizada, pontuar correções e refletir sobre o uso de tais palavras.


Dessa forma, foi inserida a gramática contextualizada e reflexiva, possibilitando a internalização de algumas regras e conceitos pertinentes aos conteúdos determinados no currículo para o referido ano escolar.

Em outra atividade, utilizando o poema de Cecília Meireles - “Retrato” - exemplificado a seguir e um aplicativo gratuitamente instalado no celular, denominado *AgingBooth*, oportunizou-se um valioso exercício

reflexivo, que tinha como intertexto trechos da obra *Vovó tá com a macaca*, referindo-se ao tema – A Terceira Idade – debatido anteriormente durante a leitura.

A pergunta introdutória foi a seguinte:

5. Como você gostaria de chegar à velhice?

<p>RETRATO - (Cecília Meireles)</p> <p>Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.</p> <p>Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra.</p> <p>Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?</p>	
<p>Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=o2Ubvmdw6FI</p>	

A pergunta e o poema serviram de fomento para revelação viabilizada via celulares e/ou impressas para quem não dispunha dessa ferramenta, – uma foto com a imagem do rosto envelhecido de cada um – tal qual a minha apresentada a seguir.



As reações foram variadas, uns riram, outros se assustaram, outros ficaram pensativos, mas todos refletiram sobre essa possibilidade futurística, proporcionada, graças à tecnologia disponível em celulares.

Em outro momento, com uma turma do sexto ano, a proposta pautou-se em uma interação com os meios tecnológicos e a *internet*, sendo realizada na sala de informática, onde uma vez por mês, os professores de cada disciplina serviam-se deste ambiente para desenvolver suas atividades e projetos.

Nesse contexto, visando instigar o gosto pela leitura, e aproximar os alunos de experiências que promovam tal gosto, experimentamos adentrar no mundo da literatura digital por meio dos computadores e da *internet* com o então denominado “hiperconto”¹⁶.

Esse tipo de conto digital, presente na *web*, oferece vários caminhos para o que o leitor exerça uma espécie de coautor do texto, influenciando no enredo, fazendo escolhas de desenvolvimentos disponíveis na página digital, as quais conduzem a um novo final para a história, já produzido pelo autor primário do texto, como uma das possibilidades possíveis, dependendo das escolhas feitas pelos coautores da história.

Segundo Marcelo Spalding, professor e doutor em literatura pela UFRGS, representante desse gênero digital no Brasil: "No que tange ao conto, pelo menos dois gêneros despontam na Era Digital como grandes possibilidades literárias já adaptadas ao novo meio: o miniconto e o que chamamos de hiperconto". (SPALDING, 2010. p. 1)

A experiência foi bastante produtiva, pois enquanto coautores, os alunos sentiram-se instigados a participar destas produções, sentindo o prazer de ver suas ideias refletidas nas telinhas.

Ante a esta atividade, houve um trabalho expositivo sobre o gênero conto, passando por questões teóricas, que evidenciaram a estrutura desse tipo de narrativa, exemplificada por alguns textos disponíveis no livro didático, e, enriquecida com a encenação do conto “O detetive Zinho”, de Emílio Carlos [s.d.].

Tal encenação permitiu unir objetivos almejados no planejamento,

¹⁶ Conto em que o leitor participa de sua evolução através de *hyperlink*. Disponível em: http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3034&titulo=O_hiperconto_e_a_literatura_digital

tais como, proporcionar a dramatização de um conto, como forma de dialogar com o imaginário do leitor, instigando o mesmo para novas leituras; enriquecer o repertório descritivo na posterior atividade de produção textual, evidenciando olhares e marcas linguísticas individuais; salientar a importância de classes gramaticais, como o adjetivo e/ou locuções adjetivas na descrição de ambientes, personagens, objetos e demais componentes presentes na estrutura do texto narrativo.

Foram utilizadas nesta proposta de trabalho ferramentas tecnológicas como amplificador de voz, celular e mini caixa de som, além de uma mala, donde se retiravam objetos citados no texto, os quais colaboravam com o suspense e o humor contido no conto escolhido para a encenação.

A gravação da dramatização possibilitou uma autorreflexão sobre todos os aspectos que envolvem a arte de transmitir conhecimentos, desde a postura à escolha das palavras, ainda que estas sejam a tentativa de reproduzir um texto pré-concebido.

As atividades relatadas aqui não são viáveis se não houver por parte do professor um planejamento prévio, onde a organização e o empenho sejam relativamente vigorosos, pois, não fazemos parte dessa geração, que parece ter tecnologia na “veia”, mas com um pouco de interesse e determinação é perfeitamente exequível realizar aulas dinâmicas, com inovação, sem perder o foco do que se quer ensinar dentro dos conteúdos previstos para cada ano escolar e ainda agregar valores e princípios necessários a construção de um cidadão mais consciente de seu papel na sociedade.

6. Considerações finais

Dentre as funções da escola, uma das principais é inserir culturalmente o educando, promovendo o aprendizado e favorecendo seu desenvolvimento. É nesse ambiente que a maioria das pessoas aprende a ler e a escrever, duas habilidades extremamente essenciais em uma sociedade letrada.

A escola é uma instituição fundamental para a sociedade, pois ela prepara profissionais para o mercado de trabalho, e nesse sentido deve estar atenta as necessidades desse mercado.

A presença dos produtos da ciência em prol a construção do co-

nhecimento é oportuna e profícua, e sendo assim o professor dever buscar reavaliar suas práticas metodológicas, a fim de atender as novas exigências do mundo globalizado, não deixando de cumprir com seu importante papel para a formação do indivíduo, porém aperfeiçoando-o, a fim de acompanhar o dinamismo vigente na sociedade, motivador desse novo alunado, já referenciado como “geração digital”.

A tecnologia possibilita um meio infindável de oportunidades ao professor que não só ensina, mas também aprende para ensinar melhor, sendo um mediador do conhecimento e um exemplo para o aluno.

Dessa forma o desenvolvimento da leitura, do letramento, e consequentemente da formação e criticidade do educando podem perfeitamente ser alcançado com metodologias que se beneficiam dos infinitos recursos tecnológicos já presentes no ambiente escolar, mantendo os discentes motivados e convictos de que há uma relação profícua entre os conhecimentos adquiridos na escola e suas diversas relações e utilidades fora dessa instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÊS, Tamires. Tecnologia aliada à educação. *Revista Mundo OK*. (2013). Disponível em: <<http://www.portalmundook.com.br/portal/?p=3906>>. Acesso em: 10-10-2016.

BRASIL. MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. (2016). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>

CARLOS, Emílio. Zinho, o detetive. In: _____. *Conto*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=40>>. Acesso em: 02-03-2015.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GUIMARÃES, Dilva; CABRAL, Paulo. *Significados*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/tecnologia-2>>. Acesso em: 10-10-2016.

IOSCHPE, Gustavo. Educação e tecnologia: o sarrafo subiu. *Veja*,

19/05/2013. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/educacao/educacao-e-tecnologia-o-sarrafo-subiu>>.

JAF, Ivan. *Vovó tá com a macaca*. São Paulo: Atual, 2010.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo a leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Curricular Comum*.

Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>.

Acesso em: 05-10-2016.

RANGEL, Mary. *Dinâmicas de leitura para sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2007.

SPALDING, Marcelo. *O hiperconto e a literatura digital*. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com>>. Acesso em: 10-10-2016.